

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

Carnavalizando a promoção de saúde nas Escolas de Samba: uma revisão bibliográfica

Marcos Cordeiro, Thiago Roseiro da Silva, Adriana Ilha da Silva, Rita de Cássia Duarte Lima

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2434>

Submetido em: 2021-06-03

Postado em: 2021-06-14 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Carnavalizando a promoção de saúde nas Escolas de Samba: uma revisão bibliográfica

Carnivalizing health promotion in Samba Schools: a review of the literature

Marcos Vinicius da Silva Cordeiro¹

Thiago Roseiro da Silva²

Adriana Ilha da Silva³

Rita de Cássia Duarte Lima⁴

Resumo:

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica sistemática que buscou analisar artigos produzidos no campo das Ciências da Saúde, em especial na Saúde Coletiva, que tiveram por temática o carnaval e as escolas de samba. Objetivou-se analisar como as pesquisas em saúde tem retratado o processo de saúde-doença nas escolas de samba e no carnaval. Foram analisados 11 artigos que se relacionavam com o escopo desta pesquisa. Assim, foram encontradas produções científicas relacionados a temática com questões ligadas às ISTs e HIV-AIDS, à saúde auditiva dos trabalhadores de escolas de samba, perspectivas históricas sobre o carnaval de 1919 e a gripe espanhola de 1918, ainda estudos que possibilitam observar a promoção de saúde nas escolas de saúde e o carnaval para além de um evento, mas sim como um processo. A análise teve por fundamental objetivo deslocar o entendimento de saúde enquanto negativo da doença, para saúde como afirmação da vida. Assim como, desmistificar entendimentos preconceituosos sobre o carnaval e as escolas de samba no que se refere a saúde daqueles que produzem e participam do evento.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Vitória, Espírito Santo. E-mail: marcosvscordeiro@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8992-5514> - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2323462352006932>;

² Prefeitura de Itaguaí. Itaguaí, Rio de Janeiro. E-mail: thiago.roseiro@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2293-8062> – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0338192827608252>;

³ Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Vitória, Espírito Santo. E-mail: adrianailhaufes@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8698-5768> – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4088542085942883>;

⁴ Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Vitória, Espírito Santo. E-mail: ritacd@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5931-398X> - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2384472795664270>

Palavras chaves:

Carnaval, escolas de samba, promoção de saúde, cultura popular, saúde coletiva

Abstract:

This is a systematic bibliographic review study to analyze articles published in the field of Health Sciences, especially in Public Health, whose theme was carnival and samba schools. The objective was to analyze how health research has portrayed the health-disease process in samba schools and in carnival. Eleven articles were analyzed. Thus, scientific productions were found related to the theme with issues related to STIs and HIV-AIDS, the hearing health of carnival workers, historical perspectives on the 1919 carnival and the 1918 Spanish flu, yet studies that make it possible to observe health promotion in health schools and carnival beyond an event, but rather as a process. The fundamental objective of the analysis was to shift the understanding of health as negative of the disease, to health as a life affirmation. As well as, demystifying prejudiced understandings about carnival and samba schools with regard to the health of those who produce and participate in the event.

Keywords:

Carnival, samba school, health promotion; popular culture, public health

Introdução

Maior manifestação popular do Brasil, símbolo nacional, o carnaval, que foi reconfigurado pelo Império Romano como o período que antecede a quaresma, carrega consigo traços de inúmeras culturas e festas religiosas que datam do Império Egípcio.¹

O Brasil é um país de muitos carnavais, uma vez que no país ocorrem diversas formas e manifestações desta comemoração, fruto dos processos sociais, econômicos, históricos, políticos e culturais de cada região². Desta maneira, as festividades carnavalescas foram trazidas pela colonização portuguesa, se transformando pelo contato entre os diversos povos que aqui se fixaram, ou que foram forçados a se fixar, adquirindo contornos diversos^{2,3}. Até que nas primeiras décadas do século XX, “começava a aparecer uma forma de organização peculiar do nosso país que, posteriormente, seria responsável por transformar o carnaval brasileiro no maior espetáculo carnavalesco do mundo”⁴⁽¹¹²⁾, o que conhecemos hoje como escolas de samba.

Há diversos autores que buscam explicar o que é uma escola de samba. Em síntese trata-se de uma organização social, uma espécie de sociedade musical e recreativa, que participa dos desfiles carnavalescos, mas não só. São organizações que agregam um número considerável de pessoas em torno de produzir um espetáculo e alcançar um objetivo coletivo, o prêmio de melhor desfile carnavalesco. Assim, nesse processo de construção são produzidos para os integrantes inúmeros sentidos contidos nas preparações, nos rituais, na sociabilidade e em todo o processo de vivência de uma quadra de escola de samba, comprovando que suas atividades vão além do espetáculo carnavalesco⁴⁻⁷.

Como será apresentado ao longo deste trabalho, as Ciências da Saúde, em seus estudos sobre o carnaval e as escolas de samba, trazem consigo perspectivas sobre a relação saúde-doença muitas vezes amparadas por um escopo moral de marginalidade e promiscuidade, sem muita atenção sobre as pessoas em seus processos de produção do evento. O que nos levou a necessidade de um olhar sobre como as Ciências da Saúde, em especial a Saúde Coletiva, tem se aplicado em relação à saúde nas escolas de samba e como se tem retratado o carnaval através da literatura científica brasileira.

Nessa pesquisa buscou-se apresentar como as escolas de samba e o carnaval têm sido tratados nos estudos em saúde, na tentativa de proporcionar uma nova perspectiva de saúde, enquanto afirmação de vida e busca da felicidade, divergindo do entendimento de saúde,

enquanto o contrário da doença. O que possibilita compreender as escolas de samba como um fenômeno social também produtor de cuidados em saúde. Para isto, realizou-se uma revisão bibliográfica sistemática objetivando analisar e discutir como são retratados os processos de saúde-doença no carnaval brasileiro.

Metodologia

Esta pesquisa teve por método uma revisão bibliográfica sistemática, como propõem Vosgerau e Romanowiski⁸, em que foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos científicos nas seguintes bases de dados: Bireme, Lilac, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), PubMed, Google Acadêmico, Periódicos Capes e Scielo. Foram também pesquisadas revistas de grande relevância para a Saúde Coletiva, sendo elas: Cadernos de Saúde Pública, Physis, MedLine e Ciências e Saúde Coletiva. Para este levantamento foram utilizados os seguintes descritores: “Carnaval” and “Escola de Samba” and “Saúde” and “Doença” and “Cultura”, que seguiram para análise e discussão.

Foram considerados critérios de inclusão: trabalhos em formato de artigos científicos; artigos para os quais os descritores elegidos nesta pesquisa foram apresentados no título e/ou no desenvolvimento dos trabalhos. Assim como foram considerados critérios de exclusão: trabalhos em formatos diferentes de artigos (teses, dissertações, monografias, resumos publicados em congressos, etc) e trabalhos que utilizassem os descritores desta pesquisa fora da centralidade de seu tema. Não houve limitação quanto às datas de publicação dos artigos.

Resultados e Discussão

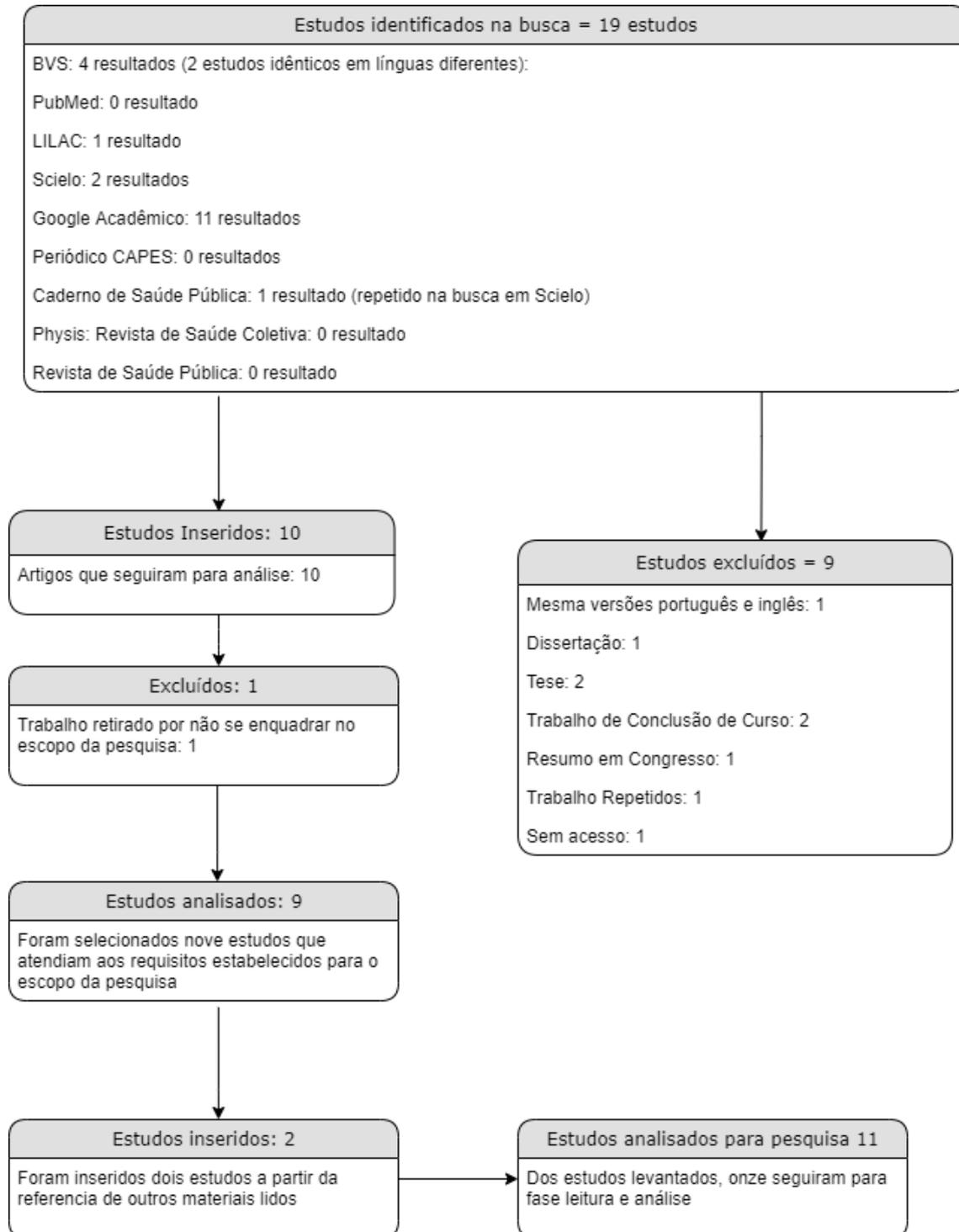
Foram encontrados 19 (dezenove) trabalhos científicos relacionando os descritores com os títulos e conteúdo dos trabalhos.

Destes 19 (dezenove) estudos encontrados, 9 (nove) foram descartados por tratar-se de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, resumos apresentados em congresso, artigos duplicados, versões bilíngues do mesmo artigo e artigos onde não se pode ter acesso. Sendo eleitos artigos científicos publicados em periódicos, sem limites de data.

Desta forma, 10 (dez) artigos foram selecionados a partir do levantamento bibliográfico. Um estudo foi descartado após a leitura por não apresentar relação com o escopo da pesquisa. Totalizando 9 (nove) artigos para análise. Foram somados a estes 2 (dois) artigos selecionados a partir das referências bibliográficas dos artigos levantados. Pois, embora não fosse proposta do processo metodológico, estes artigos se apresentaram de importante

relevância para o escopo deste trabalho, ressaltando que estes não foram encontrados através dos descritores elegidos para esta pesquisa. A Figura 1. Apresenta de forma detalhada o processo de seleção dos artigos. O *Quadro 1*. apresenta de forma sistematizada os 11 (onze) artigos encontrados segundo os seus autores, ano, título e periódico em que foram publicados.

Figura 1: Fluxograma para resultado da busca de fontes de informação, triagem, seleção e inclusão de artigos



Fonte: próprios autores

Quadro 1. Sistematização dos artigos científicos analisados.

	Autores	Título	Periódico
1	Francisco, <i>et al.</i> , 2004	O Carnaval vai Contagiar: DST/AIDS e Práticas Sexuais no Rio de Janeiro	Ver. de Enfermagem UERJ
2	Porto, 2005	Lutando Contra a AIDS entre meninas adolescentes: os efeitos da campanha de Carnaval de 2003 do Ministério da Saúde	Caderno de Saúde Pública
3	Passos, <i>et al.</i> , 2010	Há aumento de DST no Carnaval? Série Temporal de nósticos em uma Clínica de DST	Rev. da Ass. Médica Brasileira
4	Monteiro, Samelli, 2010	Estudo da Audição de Ritmistas de uma Escola de Samba de São Paulo	Rev. Soci. Brasi. de Fono.
5	Costa, 2011	Bem-Estar dos Trabalhadores de Escola de Samba: Realidade ou Fantasia	Gestão e Sociedade
6	Francisco, <i>et al.</i> , 2013	A Convivência com o portador de HIV/Aids: Opinião dos participantes do Carnaval	Rev. Pesq: Cuidado e Fundamental
7	Ribeiro, 2018	O futuro do sambista e o sambista do futuro: juventude, sociabilidade e associativismo nas escolas de samba mirins do Rio de Janeiro	Revista do Instituto de Estudos Brasileiros
8	Francisco, <i>et al.</i> , 2016	O uso do preservativo entre os participantes do Carnaval - perspectiva de gênero	Escola Anna Nery
9	Santos, 2006	O Carnaval, a peste e a 'espanhola'	Hist., Ciências, Saúde-Manguinhos
10	Passos, <i>et al.</i> , 2002	Ocorrência De Doenças Sexualmente Transmissíveis Antes E Depois Do Carnaval Em Niterói –RJ	DST J Bras Doenças Sex Transm
11	Lopes, Rigau, 1999	Atividade sexual antes e durante o carnaval e o risco de adquirir DST/HIV e Aids, em Rio Branco, Acre - Brasil	DST J Bras Doenças Sex Transm

“Bota a camisinha, bota meu amor”: o carnaval, as infecções sexualmente transmissíveis (IST’s) e HIV-Aids

De imediato foi notório que em 7 (sete) dos 11 (onze) artigos houve uma relação direta entre os termos “carnaval”, “DST”, “preservativo” e “HIV-Aids”. Logo, uma pergunta nos

causou inquietação: o que significa acreditar que o carnaval e as escolas de samba podem estar vinculados às questões relacionadas às ISTs e HIV-Aids?

Francisco *et al*⁹ apresentou um estudo transversal quantitativo que buscou delinear o perfil dos participantes do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro e mensurar sobre os conhecimentos destes sobre a prevenção das DST/AIDS.⁵ O estudo ouviu 1.675 pessoas no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro em 2003. Os autores não justificaram o porquê da amostra do estudo ter sido coletada durante o desfile e nem apresentaram no corpo do estudo qualquer menção que tenha os levado a este cenário.

O estudo de Francisco *et al.*⁹ encontrou como perfil dos participantes: jovens, sexo masculino, moradores da Cidade do Rio de Janeiro. Os entrevistados relataram utilizar o preservativo na maioria das relações sexuais, geralmente com parceiro (a) sexual fixo (a) e com parceiros (as) eventuais. Sendo o objeto de pesquisa as ISTs e HIV-Aids.

Já Porto¹⁰ apresentou uma pesquisa de opinião pública para avaliação de uma campanha de comunicação em saúde, para a qual o autor buscou avaliar os impactos da campanha publicitária de prevenção às DST/AIDS com foco nas meninas. Aqui o Carnaval é visto como um período de veiculação da propaganda. Não se justificou o porquê da propaganda ter sido veiculada no período de carnaval.

Francisco *et al.*¹¹ apresentou uma pesquisa quantitativa descritiva com 630 (seiscentos e trinta) integrantes dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro no carnaval de 2011. O objetivo da pesquisa foi identificar a opinião das pessoas em relação à convivência com pessoas vivendo com HIV.⁶ Os pesquisadores utilizaram o carnaval como cenário de coleta de dados e buscaram traçar um perfil dos participantes do desfile, fossem eles da comunidade, espectadores e/ou foliões. O grupo foi caracterizado em sua maioria por mulheres jovens que viviam com a família. A pesquisa apresentou em seus resultados que a maioria dos entrevistados não observava problemas em conviver com uma pessoa vivendo com HIV, mas que não teriam relações sexuais com estas pessoas. O estudo não apresentou nenhuma justificativa ou embasamento teórico que relacione ISTs/HIV-Aids com o carnaval, nem o porquê da coleta ter sido escolhida para este período.

⁵ DST/AIDS optou-se por manter o termo utilizado pelos autores na época do estudo. Contudo, utilizaremos IST e HIV-AIDS quando falarmos no tempo presente.

⁶ Os autores utilizam o termo “portadores de HIV” optamos pela utilização do termo “pessoas vivendo com HIV”.

Francisco et al.¹² apresentou uma pesquisa quantitativa descritiva de corte transversal, em que foram entrevistados 1067 participantes: espectadores, foliões e trabalhadores durante o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro em 2013. O objetivo foi identificar a utilização de preservativos entre homens e mulheres participantes do carnaval daquele ano. O estudo apresentou dados relacionados ao uso de preservativos e apontou que os mesmos são mais utilizados pelo sexo masculino dada a facilidade de se encontrar o preservativo masculino. Ainda apontou para a necessidade de abordar as questões de gênero na sociedade. Contudo, o estudo não apresentou razões para a coleta ter sido realizada no desfile de escolas de samba e não em qualquer outro evento.

Os estudos de Francisco et al.^{9,11,12} foram resultado de um projeto de extensão, "Só a alegria vai contagiar - o samba da prevenção vai pegar nesse carnaval", realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Segundo os autores o projeto existe há mais de 20 anos com o objetivo de promover ações de prevenção e pesquisa acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e HIV-Aids no carnaval carioca.

Até aqui, a inquietação da pergunta inicial permanece: por que o carnaval? Por que o desfile das escolas de samba? E estas questões se somam a: dentro todas as possíveis discussões em saúde, por que a escolha das ISTs, HIV-Aids?

Se de um lado, o cenário considerado um dos maiores espetáculos culturais do mundo pode ser um momento ímpar para discutir uma questão importante em saúde, como o uso de preservativos e as formas de prevenção às ISTs/HIV-Aids, é passível de lógica que a forma de transmissão destas doenças não ocorra somente neste período do ano e da vida das pessoas.

Logo, a escolha de um tema em saúde e a escolha por abordar um tema específico, em um momento específico, com pessoas específicas pode nos comunicar que no mínimo há um entendimento social que espera que estas pessoas, massivamente, neste período do ano pratiquem sexo sem os cuidados orientados pelos órgãos de saúde. Tal expectativa revela e recupera em certa medida o entendimento do carnaval como festa religiosa, "festa da carne", festa em que o "pecado", que segundo o cristianismo é digno de punição, tem lastro social. E nisto vemos uma ideia de saúde objetificada, reduzida e moralizada numa lógica cristã¹³.

Costa e Bernardes¹⁴ sobre a saúde de um ponto de vista fenomenológico, refletiram que "ao tornar-se um objeto, ou seja, uma forma que é possível ser pensada, vivida e falada a saúde naturaliza-se em termos de formas de significação e perde/afasta-se das condições que a tornam

possível de ser pensada, vivida e falada da forma como é”. Esta naturalização, para os autores, força um modo de compreender a saúde enquanto um negativo da doença:

Essa redução do fenômeno e de sua fenomenalidade a um objeto-conceito dado que emerge na linguagem cria um problema para a própria saúde: a reduz a puro objeto. A doença, ontologicamente objetivada pelo discurso da episteme moderna, é o limiar para a abordagem da saúde como tema. É o discurso onto-epistêmico da modernidade ‘sobre a doença’ que conforma o discurso derivado e negativo ‘sobre a saúde’: a saúde é não doença¹⁴⁽⁸²⁴⁾.

Será que poderíamos compreender que nestes artigos a saúde sexual da população que frequenta os desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro está unicamente atrelada a ideia de não sofrer infecção por ISTs/HIV-Aids?

Estabelecer uma correlação entre vida e saúde desonera esta última das implicações que a doença traz para a saúde, na medida em que a saúde como negação da doença implica separar saúde de vida. A vida como condição de possibilidade de ações torna-se um conceito potência; melhor dito, a potência reside na condição para a ação, ao mesmo tempo em que a vida se torna o critério de avaliação da ação – critério de avaliação como força de afirmação. (Segundo Nietzsche, (1998) citado por Costa e Bernardes¹⁴⁽⁸³²⁾)

Se quando pensamos em uma vida sexual saudável, por exemplo, podemos relacionar isto ao prazer, aos encontros, às experimentações, ao gozo, ao amor, à felicidade... Por que escolher a doença como parâmetro para pesquisar, entrevistar? E por que no carnaval? Se não pelo senso comum, pela não cientificidade, pela doença enquanto “mercado”/produção de capital, pelos tabus no reflexo de um ideário de família amparado na colonialidade, pela não discussão ampla sobre saúde sexual enquanto força/potência de afirmação da vida. Mais ainda, em um olhar sobre o carnaval e as escolas de samba de forma equívoca e reduzida à possibilidade de se contrair ou transmitir doenças.

Porto¹⁰ e Francisco et al.^{9,11,12} observaram no carnaval um cenário propício para abordagem do tema da sexualidade e das ISTs. Entretanto, alguns artigos encontrados, que foram publicados anteriormente a estes trabalhos, questionaram sobre a ideia de que há aumento no número de casos de ISTs e HIV-Aids com o período carnavalesco.

Lopes e Rigau¹⁵ realizaram uma pesquisa na cidade de Rio Branco, capital do Acre, que objetivou conhecer os aspectos relacionados com o comportamento sexual e de risco em contrair ISTs e HIV-Aids antes e durante o carnaval. A população ouvida pelos pesquisadores foi composta majoritariamente por jovens do sexo feminino. O estudo concluiu que não houve aumento significativo na frequência das relações sexuais, mas um aumento nas relações com troca de parceiros durante o período de carnaval. Contudo, o mesmo estudo apontou que nesse

período houve a prática de levar preservativos e utilizá-los, o que não foi observado pelos próprios entrevistados no decorrer do ano. O estudo concluiu que quem está em risco durante o período do carnaval, também está em outros períodos do ano.

No sentido de refutar sobre o aumento das ISTs e HIV-Aids durante o período do Carnaval, Passos et al.¹⁶ analisou a possível correlação entre o pré e pós carnaval com o aumento na frequência de diagnósticos de ISTs e HIV-Aids e uma possível maior procura por atendimentos no setor de DST da Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói, RJ. Os autores escolheram o recorte de 30 (trinta) dias antes e 30 (trinta) dias depois do carnaval no período de 1999 a 2004. O estudo conclui que o número médio de casos de ISTs e HIV-Aids antes e depois do carnaval não se alterou, exceto para um aumento significativo global para a Sífilis entre estes anos.

Nessa mesma linha, Passos et al.¹⁷ realizou outro estudo do tipo série temporal de diagnósticos de sífilis, gonorreia e tricomoníase em ambos os sexos, e buscou questionar a hipótese de que há maior exposição às DSTs no período do Carnaval. Deste modo, os autores analisaram o volume de atendimento em uma clínica de DSTs entre janeiro de 1993 e dezembro de 2005, relacionando a um possível aumento sazonal após o carnaval. O estudo apresentou a sazonalidade das doenças durante o ano e não encontrou diferença estatisticamente significativa na ocorrência da DSTs antes e depois do Carnaval naquele serviço. O estudo considerou os maiores picos de diagnóstico e os picos esperados para cada uma das doenças estudadas, caso a infecção tivesse ocorrido no período do carnaval, orientados pela janela imunológica. O diferencial deste estudo é a comparação entre os anos, além da comparação entre os meses, possibilitando assim analisar a sazonalidade das doenças estudadas. Assim, os autores ponderaram que a intensificação das campanhas de saúde sexual e reprodutiva dar-se-ão pelo entendimento do carnaval como sinônimo de promiscuidade sexual.

O poder da mídia em mostrar, incessantemente, por quase uma semana, foliões em trajes sumários e em danças sensuais causam um apagão nas nossas consciências para esquecermos de que mesmo nessas festas existem, também alas das baianas, crianças, comissões de frente, velhas guarda, ala dos compositores, ritmistas, pessoal de apoio, vendedores ambulantes, jornalistas, entre inúmeras outras ocupações e profissões que passam todo o tempo do Carnaval mais preocupados com afazeres bem distantes de atividades sexuais. Outro dado importante diz respeito à grande quantidade de pessoas que vão para recantos distantes das agitações veiculadas pela mídia e totalmente à parte de festas carnavalescas. Este número pode ser bem maior do que o das pessoas que vão para as festas de Carnaval¹⁷⁽⁴²⁶⁾.

Ao compreender a saúde enquanto negativo da doença, foge ao campo de visão e de compreensão de mundo a vida em movimento, a vida enquanto infinitos acontecimentos momento a momento. É preocupante que estas questões se conformem como políticas públicas de saúde, sejam institucionalizadas pelo governo, sejam pelo senso comum. Não há como negar a importância das propagandas de prevenção às ISTs e HIV-Aids. Tão pouco, não há como negar a história, e os anos que vivemos com uma doença sem tratamento, seus traumas e suas intervenções sobre o imaginário social. Mas aqui e adiante, nos é possível compreender que ao investigar mais profundamente as pessoas e suas relações com a vida, talvez encontremos a saúde acontecendo como imanente ao estar vivendo, e que talvez sim, a doença, seja uma possibilidade de análise e contemplação sobre o modo como vivemos. E que neste “vai e vem” de relações entre as pessoas, com as coisas, potencialmente, vamos construindo modos de operar riscos. Mas também, potencialmente, podemos construir formas de prevenção e promoção de saúde não somente associadas ao adoecer, mas na direção da vida que gostaríamos de ter.

Tradicionalmente, os modos de viver têm sido abordados numa perspectiva individualizante e fragmentária, e colocam os sujeitos e as comunidades como os responsáveis únicos pelas várias mudanças/arranjos ocorridos no processo saúde-adoecimento ao longo da vida. Contudo, na perspectiva ampliada de saúde, como definida no âmbito do movimento da Reforma Sanitária brasileira, do SUS e das Cartas de Promoção da Saúde, os modos de viver não se referem apenas ao exercício da vontade e/ ou liberdade individual e comunitária. Ao contrário, os modos como sujeitos e coletividades elegem determinadas opções de viver como desejáveis, organizam suas escolhas e criam novas possibilidades para satisfazer suas necessidades, desejos e interesses pertencentes à ordem coletiva, uma vez que seu processo de construção se dá no contexto da própria vida¹⁸⁽¹⁰⁾.

Neste sentido, nosso olhar sobre o carnaval não se limita a um evento, mas sim como um processo que envolve preparação, identidade, ancestralidade, disputa, afeto, paixão e pertencimento. Ainda, podemos observar outros olhares sobre o carnaval dentro da literatura encontrada.

Na sincopa do samba, a música e as batucadas: saúde auditiva e as baterias das escolas de samba

Um artigo utilizou também as escolas de samba em sua análise, mais especificamente no que diz respeito aos integrantes das baterias das escolas de samba.

Monteiro e Samineli¹⁹ realizaram um estudo que avaliou a audição de 10 (dez) ritmistas de uma escola de samba em São Paulo. O objetivo do estudo foi investigar possíveis perdas

auditivas entre os participantes, assim como os níveis de pressão sonora dentro da quadra da escola durante os ensaios.

As autoras buscaram identificar a instalação da patologia, perda auditiva, compreendendo que os níveis de pressão sonora em uma quadra são bem elevados, fator que pode ocasionar uma Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR). Segundo elas, foram encontrados três ritmistas que apresentaram perdas auditivas leves unilaterais e um com perda auditiva neurossensorial leve em ambas as orelhas. Em todos os casos, com sinais nos exames indicativos de PAIR. Ressaltaram também, sinais de redução da audição para os sons mais agudos mesmo em indivíduos que tiveram resultados dentro da normalidade, considerado também efeito da exposição prolongada a sons muito altos. O nível de pressão sonora nos ensaios foi de 111,42 dB, o que estaria bem acima do recomendado pelas Normas Regulamentadoras, que permitiria cerca de 12 (doze) minutos de exposição.

Monteiro e Samelli¹⁹ apontaram uma questão importante a ser pensada, a saúde auditiva dos ritmistas, a importância do acompanhamento fonoaudiológico, a prevenção e a necessidade de promoção da saúde auditiva para esta população. Ao pensarmos que os ritmistas começam sua trajetória na bateria de uma escola de samba ainda muito jovens, os anos de exposição podem causar uma desordem patológica na audição de caráter irreversível.

Reis²⁰ apontou que a partir da Era Capitalista foi consolidada e difundida a importância da pesquisa em saúde, ressaltando que tal prática passou a ocorrer “não só com o objetivo curativo de doenças, mas também de prevenção e promoção à saúde, provendo ao indivíduo e à sociedade meios para a melhoria da qualidade de vida da população”²⁰⁽¹¹²⁾. Neste contexto, localizar a doença equivale, ou quase, a promover a saúde e a gerar meios de prevenção. E neste sentido o processo saúde-doença pode se tornar algo, como coisa apartada da vida e mercadoria para especulação econômica.

Neste jogo de forças, se faz a delimitação entre o que é considerado normal e patológico, desconsiderando por vezes infinitos outros aspectos ligados ao viver que de forma imanente implica pôr-se em risco, como nos apontou Neves, Porcaro e Curvo²¹, em análise ao conceito de normatividade vital de Georges Canguilhem.

Se de um lado o estudo de Monteiro e Samelli¹⁹ localiza um aspecto considerado importante de um modo geral, a saúde auditiva, é notório que também o aborda na especificidade das ações humanas, no caso a participação de pessoas em uma bateria de escola de samba. Quando o estudo finda em localizar aqueles adoecidos e sugerir formas de

prevenção, sem uma comunicação sobre as subjetividades ativas em curso, a doença se tornou objeto e “encomenda” da pesquisa, não as pessoas.

A escolha do plano de produção de saúde engendra-se a partir da Política Nacional de Promoção de Saúde. A Portaria 687/06 explica o conceito de promoção de saúde como “esforço para o enfrentamento dos desafios de produção da saúde” (Portaria no 687, 2006, p. 13). Considerando-se também que, na mesma Portaria, a produção de saúde está associada à “produção de subjetividades mais ativas, críticas, envolvidas e solidárias” (Portaria no 687, 2006, p. 10), há de notar-se que a correlação entre promoção e produção cria uma ruptura com o modelo biomédico de saúde como ausência de doença¹⁴⁽⁸³¹⁾.

A saúde enquanto negativo da doença, ao menos ao longo dos artigos analisados até aqui, soa como lugar comum também do pesquisar em saúde. A lógica ligada à produção, prevenção e promoção da saúde poderia estar ligada ao processo de conhecer as pessoas com as quais tais questões serão pesquisadas, trabalhadas e discutidas. Haveria, portanto, um processo de subjetividades em relação, em que potencialmente se apresenta a possibilidade do pesquisador ou profissional de saúde se colocar no mesmo limiar de humanidade da pessoa que se deseja pesquisar, orientar ou atender.

Para que o enfoque não seja a doença, o sujeito pesquisador/profissional de saúde precisará em certa medida, principalmente neste cenário (o carnaval e as escolas de samba), “dançar conforme a música”. Pois a saúde no viver também pode ser sentida e compartilhada enquanto alegria. Principalmente no transbordar de alegrias potentes na relação das pessoas com o carnaval e as escolas de samba.

Carnaval, coletividade e proliferação de doenças: notas da história

Foi sobre o cenário da gripe espanhola que Santos²² elaborou seu estudo. O autor realizou uma análise sobre a gripe no Rio de Janeiro e como a mesma foi tratada no Carnaval de 1919, relatando que cerca de 15 (quinze) mil pessoas morreram na cidade e cerca de 600 (seiscentas) mil ficaram doentes em um universo de um milhão de habitantes.

Neste artigo, o autor utilizou fotografias da época como representações sociais da Gripe Espanhola de 1918 no carnaval carioca de 1919, apresentando narrativas sobre a desolação das pessoas durante a epidemia na cidade e fazendo um paralelo com a peste negra no século XIV.

Sobressalta ao trabalho o entendimento popular da gripe espanhola como castigo divino e o movimento de demarcação de certos grupos populacionais, tanto na peste como na gripe espanhola, como "indivíduos de comportamento suspeito", referindo-se aos pobres, judeus,

irlandeses ou negros. Sendo estes últimos, mais fortemente associados à gripe espanhola no Rio de Janeiro.

Os cariocas morriam em casa, na rua, no trabalho, em qualquer lugar, e iam sendo recolhidos pelos funcionários da Prefeitura. Estes jogavam os corpos nas carroças do serviço de limpeza pública. Os cadáveres eram empilhados. Conta-se que quando descobriam alguém dado como morto e ainda vivo, acabavam de matá-lo com as pás. No cemitério, coveiros abriram valas, onde eram despejadas dezenas de mortos²²⁽¹³⁶⁾.

O que chama a atenção nesse trabalho são as aproximações com a pandemia do novo Coronavírus vivenciada em 2020-2021. Santos²², referiu os “boatos” que eram difundidos como verdades durante o período da epidemia. Além da utilização de “chá de quinino” amplamente distribuído pelo governo sem nenhuma eficácia comprovada. Ainda, as “canjas de frango” distribuídas pelo governo como forma de amenizar a situação da fome causada pelo fechamento da economia.

Santos²² refletiu ainda sobre a impossibilidade dos rituais fúnebres daquela época, o que tornava os números “menos humanos” e causavam a naturalização da morte pela espanhola. Todas essas representações foram pautas de fantasias no carnaval em 1919. A epidemia apareceu nas letras dos sambas e nas sátiras do “Chá da Meia Noite”.⁷ Tudo isso foi tema para aquele carnaval que foi conhecido como o mais animado de todos os tempos.

Santos²² ainda nos fez refletir sobre a relação do carnaval, período, com as outras epidemias como a da febre amarela em 1849-1850.

Vários acontecimentos semelhantes envolvendo o carnaval e/ou as epidemias aconteceram, mas carecem de pesquisas mais acuradas. Como, por exemplo, a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro em 1849-1850, o “Carnaval de inverno” de 1892, marcado para as datas de 26, 27 e 28 de junho por receio das epidemias que acometiam a cidade no verão, e o acontecimento da morte do barão do Rio Branco. Às vésperas do Carnaval de 1912, morreu o barão, ministro das Relações Exteriores. Para homenageá-lo, o governo determinou que o Carnaval fosse adiado para abril. Não adiantou. O povo brincou os dois carnavais, cantando a seguinte marchinha: ‘Com a morte do Barão/ tivemos dois carnavá/Ai que bom, ai que gostoso/ Se morresse o Marechá’. O ‘Marechá’, no caso, era o presidente, marechal Hermes da Fonseca²²⁽¹⁴⁰⁾

Assim, a relação do carnaval com o processo de epidemias é de longa data. Apesar do cenário de morte e de calamidade, a população satirizava representações da gripe espanhola no carnaval de 1919 como forma de extravasar os meses de reclusão e temor.

⁷ Havia uma história que a Santa Casa distribuía veneno no Chá da Meia noite para que pudesse desocupar leitos

As potencialidades do carnaval: olhares plurais para escolas de samba

Dois artigos saltaram à visão por apresentar propostas e possibilidades sobre a produção científica em saúde com o Carnaval. Ambos os trabalhos apresentaram abordagens distintas e públicos diferentes, mas que se relacionam diretamente com o carnaval por intermédio das escolas de samba.

O trabalho de Costa²³ buscou avaliar o “bem-estar” entre os trabalhadores de uma escola de samba do Rio de Janeiro. A pesquisa de abordagem qualitativa ouviu 27 (vinte e sete) trabalhadores do carnaval, utilizando como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada com posterior análise de discurso em seu método.

Nossa primeira aproximação se deu com aquilo que o autor defendeu como “bem-estar”.

...bem-estar como uma representação positiva do processo psicossocial baseado nas interações como o contexto que resultam em satisfação, identificação, significado e reconhecimento ao indivíduo. Sendo que as interações, satisfação, identificação, significado e reconhecimento podem ocorrer nas diversas dimensões da vida do indivíduo, seja ela pessoal, familiar, profissional ou social²³⁽¹⁴²⁾

Assim, “bem-estar” para Costa²³ se trata de algo intimamente relacionado à motivação para felicidade, satisfação pessoal, relações afetivas, interação com o ambiente e as relações, produzindo a sensação de bem-estar. Nos eixos em que o autor analisou os discursos dos trabalhadores, observou-se traços que podem ser associados ao “bem-estar” no trabalho executado por eles na escola de samba.

Este segundo eixo temático tem como traço principal os laços de afetividade, com elementos relacionados à identidade com o trabalho, escola e comunidade, o reconhecimento individual e coletivo e o orgulho do resultado de seu trabalho. Estes trabalhadores têm em suas trajetórias de vida, tipicamente humildes e pobres, uma profunda honra de ter conseguido emprego, reputação e status social vinculados ao contexto do carnaval²³⁽¹⁴⁶⁾

Costa²³, encontrou nos discursos destes trabalhadores o sentimento de orgulho e pertencimento à cultura do samba. Os participantes da pesquisa mencionaram a satisfação em fazer parte da agremiação e que seu trabalho era reconhecido por todos que assistiam ou participavam do desfile. De forma que as narrativas das trajetórias pessoais se entrecruzaram com a própria história do carnaval e da escola de samba.

Similarmente a esta concepção, Ribeiro²⁴ realizou um estudo sobre as escolas de samba mirins do Rio de Janeiro apresentando o conceito de dádiva, com o qual tentou explicar a

relação da comunidade com a escola de samba. Dádiva, segundo a autora, trata-se de um fenômeno social de importante relevância que movimenta a sociedade, contudo, este não está ligado diretamente ao mercado, ou à violência física, mas sim em prol dos laços sociais ali estabelecidos.

A autora afirmou a presença de uma “relação familiar externa”, mediada pela escola de samba. Pontuou também que com a mercantilização do carnaval, as escolas de samba mirins assumiram um importante papel em promover e manter viva a cultura do samba naquela comunidade. Um sentimento de compartilhamento e pertencimento dentro da dinâmica da escola de samba.

Ensinar a tocar algum instrumento musical ou a arte de ser porta-bandeira e mestre-sala e de orientar a bateria da escola de samba; reunir as pessoas para fazerem as fantasias e adereços; tomar conta dos filhos de amigos e vizinhos; explicar matérias quando as crianças estavam em dificuldades escolares: tudo isso fazia – e ainda faz – parte do cotidiano de muitos moradores dos subúrbios e das favelas que estão inseridos em alguma atividade da escola de samba²⁴⁽¹⁹³⁾

Essas vivências que as escolas de samba propiciam para suas comunidades produzem significados para a trajetória de vida dos sujeitos que dela fazem parte. Neste aspecto, Costa²³ e Ribeiro²⁴ convergem e reconhecem a importância desta instituição para a comunidade.

À medida que os dirigentes das escolas se sentem comprometidos com a vizinhança, com a comunidade e com a juventude do entorno de suas quadras, eles buscam a inclusão social e a cidadania dos moradores, entendendo que as práticas esportivas e culturais locais, somadas aos direitos sociais básicos como saúde e educação, são fundamentais.²⁴⁽¹⁹²⁾

Os trabalhadores desenvolvem laços afetivos com a escola de samba criando uma via de mão dupla: os trabalhadores têm reconhecimento, identificação, satisfação e significado do trabalho e em troca apresentam engajamento e comprometimento afetivo com a organização.²³⁽¹⁵¹⁾

Costa²³ referiu um dado importante: grande parte dos trabalhadores do carnaval eram vinculados ao território da escola de samba, trazendo o sentimento de estar fazendo algo pela sua comunidade. O que pode ser observado no relato de um dos entrevistados.

‘A gratificação é muito grande de pegar uma ideia, e transformar aquela ideia. (...) Então, na verdade, eu sou considerada uma pessoa privilegiada, porque eu recebo pra aprender, eu recebo pra estudar. (...) Eu tenho a sorte de, de ganhar, trabalhar com o que eu gosto e de ganhar pra aprender. Então, isso, é uma coisa que não, hoje não tem preço pra mim.... É muito bom!’²³⁽¹⁴⁸⁾

Considerações finais

Este estudo nos apresentou um panorama sobre como a produção científica na área das Ciências da Saúde, em especial a Saúde Coletiva, tem abordado a discussão sobre o carnaval e as escolas de samba em sua literatura. A centralidade de grande parte dos estudos traz a doença como objeto de análise e compreende o carnaval apenas no seu sentido de espetáculo, um período do ano ou uma festa.

Observamos que majoritariamente a saúde, quando relacionada ao carnaval foi entendida enquanto prevenção às ISTs, o que possibilita uma interpretação e reforço moral sobre a saúde como ausência de doenças e o carnaval como promiscuidade. Algo que já foi amplamente debatido e refutado na literatura científica.

Diante disso, há possibilidades e outros olhares desfragmentados tanto para saúde, quanto para as escolas de samba, na compreensão de que há produção de saúde dentro das agremiações. Ao apontar as escolas de samba como um lugar de sociabilidade, memória, ancestralidade, pertencimento, tal como lugares que promovem o bem-estar, sentidos para o trabalho, renda, lazer e produção de conhecimento, as escolas de samba produzem estratégias de saúde, ações que incidem sobre os determinantes sociais em saúde e potencializam a vida^{23,24}.

A saúde enquanto uma concepção vulgar é vivida e experimentada no processo da vida. Desta maneira, a saúde não se apreende a partir da negativa da doença, mas sim das possibilidades ofertadas. Nesse processo a doença surge como uma nova norma de vida. Nessa nova normativa, é possível sim, apreender novos sentidos e proporcionar reformulações que implicam uma nova dimensão da vida. Assim, cabe ressaltar imprescindibilidade de se capturar a saúde em seus sentidos vividos e a compreendê-la como elemento fundamental de potencialização da vida^{21,25,26}.

Em síntese, cabe apontar a necessidade de se ampliar o olhar das Ciências da Saúde e da Saúde Coletiva sobre as escolas de samba tendo por centralidade o sujeito em seu processo de vida. A cultura das escolas de samba oferta um mundo de possibilidades para os sujeitos, conhecimentos e narrativas que muitas vezes estão contidas dentro das quadras e que em muito contribuiria para se pensar saúde e cultura.

Referências

1. Flores M. Do Entrudo ao Carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*. 1996;22:p.149-161.
2. Risério A. Carnaval: As Cores da Mudança. *Afro'Asia*. 1995; n. 16:92–106.
3. Araújo S, Peres OV, de Andrade MR, Vianna ACL, Lima HCN. Entre palcos, ruas e salões: processos de circularidade cultural na música dos ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro (1890-1930). *Em Pauta*. 2005;16(26):73.
4. Tureta C, Araújo BFVB de. Escolas de samba: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. *Organ Soc*. março de 2013;20(64):111–29.
5. Pavão F. As Escolas de Samba e suas Comunidades. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*. 2009;6(1):183–95.
6. Pavão F. O sorriso da porta-bandeira. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*. 2016;13(2):14.
7. Lopes N, Simas LA. *Dicionário da história social do samba*. 6a edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2020.
8. Sant'Anna Ramos Vosgerau D, Paulin Romanowski J. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev Diálogo Educ*. 12 de julho de 2014;14(41):165.
9. Francisco MTR, de Oliveira DC, Clos AC, Santos NC dos, Malaquias JV. O carnaval vai contagiar: dst/aids e práticas sexuais no Rio de Janeiro. *Revista de Enfermagem UERJ*. 2004;12:30:8.
10. Porto MP. Lutando contra a AIDS entre meninas adolescentes: os efeitos da Campanha de Carnaval de 2003 do Ministério da Saúde do Brasil. *Cad Saúde Pública*. agosto de 2005;21(4):1234–43.
11. Francisco M, Spindola T, Martins E, Costa C, Fonte V, Pinheiro C. Living with the hiv/aids carrier: opinion of carnival participantes. *R pesq: cuid fundam Online*. 1º de outubro de 2013;5(4):510–8.
12. Francisco MTR, Fonte VRF da, Pinheiro CDP, Silva ME dos S, Spindola T, Lima DVM de. Condom use among participants of the Carnival - gender perspective. *Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem [Internet]*. 2016 [citado 29 de julho de 2020];20(1). Disponível em: <http://www.gnresearch.org/doi/10.5935/1414-8145.20160015>
13. Caponi S. Corpo, população e moralidade na história da medicina. *Esboços: histórias em contextos globais*. 2001;9(9):69–86.
14. Costa ML, Bernardes AG. Produção de Saúde como Afirmação de Vida. *Saúde Sociedade*. 2012;21, n 4:822–35.
15. Lopes CM, Rigau JMM. Atividade sexual antes e durante o carnaval e o risco de adquirir DST/HIV e Aids, em Rio Branco, Acre - Brasil. *J Bras Doenças Sex Transm*. 1999;11 (3):21–6.
16. Passos MR, Arze WN, Nascimento AV, Silva JC, Gardioli DD, Passos ZP, et al. Ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis antes e depois do carnaval em Niterói

- RJ. J Bras Doenças Sex Transm [Internet]. 2002 [citado 19 de agosto de 2020]; Disponível em: <http://www.dst.uff.br/arquivos-htm/ocorrenciadestdepoisdocarnaval.htm>
17. Passos MRL, Arze WNC, Mauricio C, Barreto NA, Varella R de Q, Cavalcanti SMB, et al. Há aumento de dst no carnaval? Série temporal de diagnósticos em uma clínica de DST. Rev Assoc Med Bras. 2010;56(4):420–7.
 18. Ministério da Saúde (Brasil). Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília (DF): 2010.
 19. Monteiro VM, Samelli AG. Estudo da audição de ritmistas de uma escola de samba de São Paulo. Rev soc bras fonoaudiol. 2010;15(1):14–8.
 20. Reis PED dos. A pesquisa em saúde: implicações para a prática profissional. RBPS. 2005;112–3.
 21. Neves TI, Porcaro LA, Curvo DR. Saúde é colocar-se em risco: normatividade vital em Georges Canguilhem. Saude soc. setembro de 2017;26(3):626–37.
 22. Santos RA dos. O Carnaval, a peste e a “espanhola”. História, Ciências, Saúde - Maguinhas. março de 2006;13 (1):129–58.
 23. Costa SHB. Bem-estar dos trabalhadores de escola de samba: realidade ou fantasia? GeS. 2 de dezembro de 2011;5(11):137.
 24. Ribeiro APA. O futuro do sambista e o sambista do futuro. Rev Inst Estud Bras. 31 de agosto de 2018;(70):189–207.
 25. Canguilhem G. O Normal e o Patológico. 6ª rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2009.
 26. Canguilhem G. Escritos sobre Medicina. Rio de Janeiro: Forense; 2005.

Contribuição dos autores:

MVS Cordeiro e RCD Lima realizaram a coleta e análise dos dados, participaram da concepção e planejamento do estudo, redação do manuscrito e aprovação da versão final do artigo. T Roseiro e AI da Silva participaram da concepção e planejamento do estudo e colaboraram na redação, revisão crítica e aprovação da versão final do artigo

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.